

Diálogo: instância fundamental da pesquisa qualitativa¹

Caio Vargas Tomaz ALVES²

João Pedro França PERON³

Vanessa Matos dos SANTOS⁴

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo aborda a importância da entrevista para a qualidade e detalhamento de dados subjetivos na pesquisa científica a partir da experiência desenvolvida em um projeto com financiamento FAPEMIG⁵ realizado na Universidade Federal de Uberlândia. Por meio tanto da sistematização de dados quanto do relato da experiência do pesquisador, demonstra-se que as técnicas jornalísticas apresentam contribuições importantes na obtenção tanto de informações objetivas quanto subjetivas, favorecendo a qualidade dos dados que serão analisados.

Palavras-chave: Entrevista; Técnica jornalística; Pesquisa científica.

INTRODUÇÃO

Este artigo se insere no escopo do Projeto “Educação, Tecnologia e Comunicação: articulações entre saberes e estudo do impacto das estratégias pedagógicas e midiáticas utilizadas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em diferentes áreas do Saber (Humanas, Biológicas e Exatas) durante o período de aulas remotas”, atualmente em andamento e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Iniciada em 2022, com previsão de término para setembro deste ano, a pesquisa partiu do objetivo geral de mapear estratégias pedagógicas e midiáticas implementadas por professores das três grandes áreas durante o ensino remoto na universidade e compreender se existe relação entre as estratégias didáticas e midiáticas implementadas por docentes e as áreas de pesquisa às quais são filiados. Embora a UFU tenha

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces da Intercom Júnior – 48ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 5º período do Curso de Jornalismo da FAGED/UFU e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), e-mail: caio.alves@ufu.br

³ Estudante do 5º período do Curso de Jornalismo da FAGED/UFU e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), e-mail: joao.peron@ufu.br

⁴ Docente efetiva do Curso de Jornalismo da FAGED/UFU. Orientadora da pesquisa, e-mail: vanessamatos@ufu.br

⁵ Edital de Demanda Universal Fapemig 2022 aprovado sob código APQ 00853-22.

adotado o formato remoto de aulas durante um período maior, esta pesquisa considerou como recorte temporal a segunda etapa das Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais (AAREs), realizada entre outubro e dezembro de 2020, e o primeiro período regular remoto, referente ao semestre 2020.2 de acordo com o calendário da universidade, realizado entre março e junho de 2021.

Inicialmente, estes dados seriam coletados por meio de questionário enviado aos e-mails institucionais dos docentes. O pré-teste do instrumento demonstrou, no entanto, que esta técnica de pesquisa seria insuficiente diante da possibilidade de coleta de dados com detalhamentos (especialmente de natureza subjetiva) que poderiam ser obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada.

Este artigo aborda justamente o exercício de coleta destas entrevistas que, no escopo do projeto, pressupunha a compreensão desta apenas como técnica de pesquisa científica (LAKATOS; MARCONI, 2010). De forma complementar, este artigo demonstra, por meio de relato de experiência, o quanto as técnicas jornalísticas de entrevista são capazes de potencializar o diálogo entre entrevistador e entrevistado (MEDINA, 1986).

Quanto à estrutura, este artigo apresenta, inicialmente, uma breve explicação acerca do Projeto em questão e, na sequência, aborda a entrevista – enquanto processo dialógico – como instância fundamental da pesquisa qualitativa. O relato de experiência, detalhado posteriormente, detalha as vivências do pesquisador⁶ desde o primeiro contato com o entrevistado até o momento em que a entrevista se efetiva. A experiência relatada diz respeito, portanto, não apenas à pesquisa em si mas, sobretudo, à vivência de entrevistas com 12 Sujeitos (5 docentes da área de Exatas e 7 de Biológicas).

ENTREVISTA

Dentro do universo das pesquisas qualitativas, há diferentes formas de entrevistas, sendo que a escolhida pelo projeto é a semiestruturada, ou seja, uma “[...] série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188). Em outros dizeres, consiste na presença de um roteiro-guia, o qual pode ser modificado ao longo do andamento da pesquisa, como por meio de improvisações por parte do entrevistador, ao passo

⁶ João Pedro França Peron.

que o entrevistado fica limitado a apenas responder às perguntas, ainda que de forma mais aberta, concedendo, na maioria das vezes, relatos com profundidade.

Laville e Dionne (1999) também ressaltam que a conservação da padronização, quando somada com a condução menos formal, mais improvisada e adjacente ao entrevistado, tornam as respostas mais próximas do que este de fato acredita, de modo que o objeto de pesquisa não é perdido no processo, havendo, então, uma evolução do pesquisador em direção ao conhecimento acerca do Sujeito (no caso desta pesquisa, docentes).

O pesquisador consegue os mesmos ganhos que no caso do questionário, principalmente pelo fato de que, deixando o entrevistado formular uma resposta pessoal, obtém uma ideia melhor do que este realmente pensa e se certifica, na mesma ocasião, de sua competência (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 187).

Tal formato semiestruturado refere-se à dimensão ontológica, ou seja, aquela que “[...] busca a compreensão, remete ao ser, um quem desconhecido. Desenvolve-se em um horizonte amplo de possibilidades e configura-se como movimento” (PAULA; PADOIN; TERRA; SOUZA; CABRAL, 2014, p. 469).

Com base nessas características, tal parte da pesquisa que envolve as entrevistas com os docentes se enquadra no método qualitativo, uma vez que a preocupação primordial nessa etapa de coleta de informações é elucidar as diferenciações didáticas entre cada Sujeito.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

Dentre as técnicas jornalísticas de condução de entrevista utilizadas, destaca-se a utilização da improvisação enquanto uma maneira de se extrair ainda mais informações do que o entrevistado fala primeiramente, habilidade necessária devido ao modelo semiestruturado escolhido. Outros discentes, de fora do âmbito jornalístico, demonstraram dificuldade em compreender tais nuances nas entrevistas, visto que desconheciam tais técnicas, resultando em entrevistas menos aprofundadas.

Ferreira (2014) ressalta que, embora o entrevistador seja levado a desviar-se da sequência de perguntas do roteiro ou a improvisar a partir das respostas que recebe no

decorrer da entrevista, a assimetria da relação original permanece conservada por meio da manutenção do modelo pergunta-resposta.

O autor complementa que a entrevista já não é exclusivamente compreendida como uma técnica neutra, que segue uma linha de roteiro padronizada apenas para coletar informações, desconsiderando as subjetividades de cada Sujeito que participa do ato da entrevista, isto é, tanto quem pergunta quanto quem responde. A entrevista, assim, torna-se resultado de uma composição social e discursiva construída por diversas vozes, que não simplesmente respondem “sim” e “não”, mas interpretam os acontecimentos a partir de seus respectivos repertórios culturais, o que denota margem para improvisações nas falas do entrevistado e do entrevistador (FERREIRA, 2014, p. 982).

Uma das principais dificuldades que apresentou-se ao decorrer da pesquisa foi o número de adesão ao projeto por parte dos docentes. Isso se deu pelo difícil acesso aos professores, que foram relutantes em responder e-mails de solicitação de entrevistas, apesar dos pesquisadores terem assegurado o sigilo aos entrevistados, de modo que a busca ativa foi uma alternativa tomada para a continuação do projeto.

Claire Rezzenti e Raymond Lee (1993, p. 6 *apud* ADLER; ADLER, 2003, p. 156⁷) destacam alguns temas que são mais suscetíveis de ocorrer relutância por parte de entrevistados, e, dentre esses temas, estão aqueles “[...] em que a pesquisa penetra na esfera privada ou mergulham em alguma experiência pessoal”.

Nesse sentido, a pesquisa aborda diretamente as experiências dos docentes, ainda mais por ser contextualizada no período pandêmico – tão sensível e inédito àqueles profissionais, principalmente em seus ofícios –, o que contribuiu para esse caráter relutante por parte dos entrevistados.

Por conta desse empecilho, uma vez que os docentes aceitaram ser entrevistados, as entrevistas foram conduzidas com muito cuidado para que os professores não ficassem coagidos ou resistentes em responder às perguntas de maneira aprofundada. Por isso, foi criado um ambiente confortável visando que os docentes se sentissem totalmente à vontade para expressarem suas opiniões, até se elas fossem chocantes para os pesquisadores, ou mentirosas, com informações que, quando comparadas com dados pragmáticos, mostram-se incoerentes.

⁷ [...] where research intrudes into the private sphere or delves into some personal experience (ADLER; ADLER, 2003, p. 156) (tradução livre).

[...] entrevistadores são aconselhados a não levantarem suas sobrancelhas, mudarem seus tons de voz ou aparentarem consternação quando os entrevistados discutem atividades desviantes. Por exemplo, em nosso estudo de pré-adolescentes, ao invés de expressar indignação moral, nós acenamos com a cabeça afirmativamente ou aparentamos ignorar a situação. Caso tivéssemos reagido diferentemente, esses jovens não teriam se sentido confortáveis nos contando sobre essas atividades (ADLER; ADLER, 2003, p. 167).⁸

Outra estratégia utilizada para deixar os docentes mais confortáveis foi, em alguns momentos, os entrevistadores compartilharem suas experiências, incentivando o diálogo. Esse recurso foi bem aproveitado, tendo em vista que os pesquisadores também vivenciaram o aprendizado no ensino remoto no período citado, seja enquanto docente – alguns pesquisadores são professores, ainda que não no âmbito de ensino superior – ou discente.

A prática de etnográficos pós-modernos e feministas sugere que quando entrevistados e pesquisadores compartilham informações, o contexto da entrevista é mais confortável e a lacuna hierárquica entre pesquisadores e entrevistados é diminuída (Cook e Follow, 1986; Ellis et al. 1997). (ADLER; ADLER, 2003, p. 167)⁹

O embasamento teórico perpassou o desenvolvimento desta pesquisa por meio do conhecimento acerca das técnicas jornalísticas (PEREIRA, 2017) apropriadas. Os pesquisadores conduziram as entrevistas pensando no ponto de inflexão existente entre a fidelidade em cumprir todos os pontos do roteiro científico da pesquisa e a flexibilidade quanto à sequência dos questionamentos e improvisação que buscasse compreender não apenas as opiniões pontuais dos Sujeitos entrevistados, mas também suas vivências.

RELATO DE EXPERIÊNCIA¹⁰

Quando este pesquisador entrou no projeto, a área de Humanas já estava fechada, ou seja, com todos os 21 docentes entrevistados; entretanto, o projeto estava com uma

⁸ [...] interviewers are well-advised not to raise their eyebrows, change their tone of voice, or seem dismayed when respondents discuss deviant activities. For instance, in our study of preadolescents, [...] rather than expressing moral indignation, we either nodded affirmatively or seemingly ignored the situation. If we had reacted any differently, these youngsters would not have felt comfortable telling us about these activities (ADLER; ADLER, 2003, p. 167) (tradução livre).

⁹ The practice of postmodern and feminist ethnographers suggests that when respondents and researchers share information, the interview context is more comfortable and the hierarchical gap between researchers and respondents is diminished (Cook and Fonow 1986; Ellis et al. 1997). Rosalind Edwards (1993), for instance, was asked to “self-disclose” about her own family life in her study of mature mother-students seeking higher education. She felt that her own revelations aided the respondents in telling her their life stories (ADLER; ADLER, 2003, p. 167) (tradução livre).

¹⁰ Relato escrito pelo pesquisador João Pedro França Peron.

dificuldade muito grande em contatar os professores de Exatas, com diversos e-mails solicitando entrevistas para auxiliar na pesquisa não respondidos. Contudo, uma vez que este pesquisador e o colega de pesquisa Caio Alves conseguiram contatar os docentes, eles aceitavam conceder uma entrevista, sendo que os pesquisadores nunca receberam um “não” após conseguir contatar um professor (tanto na área de Exatas, quanto na de Biológicas). Desse modo, foi necessário elaborar diferentes estratégias para conseguir acesso aos possíveis entrevistados, o que atrasou o ritmo da pesquisa. A busca ativa foi uma abordagem eficiente, pois o contato direto e presencial com os professores elevou as possibilidades de concordância para a entrevista. Nesse sentido, é importante destacar que, abordados presencialmente, todos os entrevistados responderam positivamente ao convite para entrevista e possibilitaram outras formas de contato para o agendamento desta, com o número pessoal sendo meio de comunicação em muitos casos.

Uma vez marcadas as entrevistas, os docentes não encontraram dificuldade em atender ao dia e horário marcado, preferiram marcar em um dia em que tinham certeza que poderiam conceder a entrevista, ainda mais pelas entrevistas serem realizadas todas, pelo menos as que este entrevistador realizou, de forma online, pela praticidade de gravação e posterior transcrição do material. Em alguns casos, que merecem ser aqui destacados, houve remarcações, como no episódio em que um docente da área de Biológicas ficou impossibilitado de conceder uma entrevista, visto que seu filho estava com um problema de saúde. A entrevista foi realizada apenas em uma terceira tentativa. Outro episódio diz respeito a um docente da área de Exatas que marcou e não compareceu ao horário uma vez, encontrando dificuldades para reagendamentos. No entanto, quando um novo horário foi reagendado, este entrevistador, por problemas técnicos, não conseguiu realizar a entrevista e não obteve mais resposta do docente para reagendamento. Isso demonstra que, não raramente, cabe ao entrevistador estar à disposição do entrevistado; além disso, pouco tempo e tolerância são destinados aos seus equívocos ou problemas técnicos em seus equipamentos.

Há algumas diferenças entre os perfis de entrevistados das áreas de Exatas e Biológicas. Docentes de Biológicas, no geral, apresentam caráter mais receoso a respeito da finalidade do projeto. Para se ter uma ideia, uma docente desta área, ao ser interpelada pelo pesquisador, chegou a entrar em contato com a orientadora da pesquisa, para assegurar-se de quais seriam efetivamente os objetivos de tal entrevista. Outro entrevistado também indagou

se o projeto havia passado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP¹¹). Os demais professores entrevistados não demandaram esta informação.

Outra característica divergente é que, no decorrer das entrevistas, os docentes de Biológicas, no geral, apresentaram respostas mais objetivas e diretas do que os de Exatas, que mostraram-se mais adeptos a contarem suas experiências sociais, muitas vezes até extrapolando o escopo das perguntas feitas.

Ao realizar as entrevistas, este pesquisador também pôde observar que alguns docentes estavam receosos e respondiam com poucas palavras, de forma pontual. Buscando que os entrevistados se sentissem mais confortáveis para aprofundarem suas respostas, este pesquisador passou a empregar técnicas de entrevistas jornalísticas voltadas para a construção do diálogo. A seguir, são apresentados exemplos de técnicas jornalísticas empregadas em diferentes entrevistas e os resultados evidenciados em respostas com maior aprofundamento.

O docente 1 comentou, durante a entrevista: *“Imagina que você está aí na sua casa, [você viu aqui comigo], o cachorro que late [...] [A casa] não é o espaço de ensino-aprendizagem”*. O pesquisador então, colocou-se como Sujeito que compartilha uma experiência (FREIRE, 2014) e buscou abrir o caminho para o diálogo ao compartilhar os problemas semelhantes que também enfrentou durante aquele período, ao mencionar *“O senhor comentou, na época da pandemia, era muita distração. Eu me lembro: era muito barulho, a mãe chamava, e ficar focado era difícil na tela também [...]”*, o docente sentiu-se mais à vontade em aprofundar seu relato a ponto, inclusive, de destacar o nome do entrevistador, num movimento de humanização do processo (FREIRE, 2014): *“Você se lembra disso? E tem uma coisa também que a gente tem que olhar, João Pedro, quando nós estamos numa ação presencial, o campo de visão está posto na tua frente. Ainda que você circulasse nos 360 [graus], você tem ali [o que eu vou chamar de] o cenário pedagógico”*.

O docente 2 relatou: *“Eu tentei fazer o máximo possível [de forma] síncrona. Aula normal, no horário de aula normal, só trabalhos extras assíncronos”*. Para aprofundar a pergunta, o pesquisador demonstrou interesse nas práticas realizadas pelo docente: *“E essas atividades assíncronas, essas atividades extras, como foram realizadas?”*. O professor especificou como organizou suas atividades: *“Eu sempre tentei fazer [com] que o aluno montasse um seminário, alguma apresentação, ele mesmo gravasse e mandasse para mim.*

¹¹ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da UFU: CAAE 83473024.5.0000.5152.

Então ele fazia isso em algum momento. Às vezes eu disponibilizava algum material gravado [que eu mesmo gravei] ou de outro professor, ou de outra fonte, e [o discente] produzia o material". Nesse caso específico, o docente demonstra que chegou a desenvolver um trabalho de curadoria antes de indicar materiais para os discentes.

A docente 3 comentou sobre o desafio de utilizar softwares até então desconhecidos por ela: *"Eu só fiz via Teams, pois ele tem muita coisa. Tu consegue por atividade, fazer grupos, discussões, tudo que eu precisava fazer. Eu não vi necessidade de ir para outra. Talvez porque foi para isso que eu aprendi a mexer. Se eu tivesse mexido com outro, talvez eu acharia outro melhor, não sei. Mas, assim, me atendeu".* O pesquisador buscou especificar as finalidades de tais plataformas no cronograma pedagógico: *"E para esse objetivo, sem necessariamente [falarmos das] aulas ao vivo [...], a aplicação de provas, nesse sentido do online, foi também frequente a utilização do Teams?"*. A docente apresentou ainda uma reflexão sobre a dinâmica das aulas em ambientes virtuais: *"Eu acho importante o online. Às vezes, é ruim para quem está fazendo não poder voltar e ler, revisar, mas, para o processo online, às vezes é bom porque [o discente] fica mais focado na prova [...] Acho que ajuda um pouco"*.

O docente 4 comentou sobre as orientações da UFU e as aulas remotas: *"Teve algumas orientações, mas eu acho que podia ser um negócio mais direcionado, mais uniforme para [que] todos os professores [pudessem fazer] mais ou menos da mesma forma. O fato de cada um fazer o que quer foi um negócio que achei ruim"*. Para reforçar a opinião dele, o pesquisador enfatizou: *"Eu posso considerar, então, que apesar de ter tido orientações, [estas] não foram suficientes para subsidiar o trabalho docente?"*. O docente, como resultado, complementou sua opinião: *"Sim, não foram suficientes nesse sentido: de que eram coisas muito amplas. Ao orientar uma pessoa, você tem que dizer um caminho. Se você dá dez caminhos diferentes, cada um faz o que quer e nem sempre você segue uma coisa que é muito adequada"*.

Ao longo das entrevistas, este pesquisador obteve respostas muito discrepantes e até mesmo um tanto chocantes, com algumas respostas defendendo práticas que dificultam propositalmente o processo de aprendizagem do discente. Outros exemplos de relatos captados nesse sentido são de docentes que chegaram a declarar que, se os alunos terminaram a matéria com êxito, ou, se não o obtiveram, a responsabilidade por este resultado deveria recair totalmente sobre os discentes. Ao escutar tais respostas, por mais que causasse

estranhamento, este pesquisador buscou sempre manter uma postura neutra, distante de juízos de valor, algo que auxiliou muito na condução das entrevistas, até mesmo para que o entrevistado não se sentisse constrangido ou receoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a utilização das técnicas jornalísticas de entrevista (PEREIRA, 2017) para abrir espaços de diálogo com os entrevistados se mostra muito eficiente no que concerne à coleta de informações mais precisas e com riqueza de dados subjetivos.

No caso dos entrevistadores bolsistas do projeto, evidenciou-se, ainda, que houve um impacto direto entre a formação jornalística – ainda em andamento – e a qualidade das respostas obtidas. Ao efetivamente dialogarem com o entrevistado, em vez de apenas fazerem perguntas de um roteiro pré-definido, foi possível observar, no escopo do projeto, a existência de respostas mais aprofundadas, com os docentes muitas vezes até voltando em perguntas anteriores com uma riqueza maior de detalhes sobre uma determinada estratégia pedagógica utilizada em um contexto e cenário muito específicos.

Outro fator contribuinte para o aprofundamento das respostas dos entrevistados foi a construção de um ambiente confortável para que os docentes se sentissem à vontade para contar seus relatos, visto que muitos apresentavam-se receosos e resistentes em serem entrevistados para uma pesquisa acadêmica, embora o sigilo de sua identidade estivesse assegurado e enfatizado pelos pesquisadores. A abertura ao diálogo fez com que esses profissionais percebessem que a pesquisa não busca estabelecer julgamentos, e sim compreender quais foram os progressos pedagógicos e midiáticos alcançados.

REFERÊNCIAS

- ADLER, P. A.; ADLER, P. The Reluctant respondent. In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (Org.) **Handbook of interview research: context and method**. Thousand Oaks: Sage, 2001.
- DESLAURIERS, J. **Recherche qualitative: guide pratique**. Québec: McGrawHill, 1991.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2014.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M, A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Ed. 2010.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Em busca de informações. In: **A Construção do Saber**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1999.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O Diálogo Possível**. São Paulo: Editora ática, 1986.

PAULA, Cristiane Cardoso de; PADOIM, Stela Maris de Mello; TERRA, Marlene Gomes; SOUZA, Ívis Emília de Oliveira; CABRAL, Ivone Evangelista. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 3, mai-jun. 2014.

PEREIRA, Fabio Henrique. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 139-149, 2017.